

A FÁBRICA DE ALMAS: O REGIME COMUNISTA NA OBRA “VIAGEM: TCHECOSLOVÁQUIA – URSS” DE GRACILIANO RAMOS¹

Talita Emily Fontes da Silva
Graduada em História pela UFS
talifontes@yahoo.com.br

RESUMO

Este trabalho focaliza as observações realizadas por Graciliano Ramos acerca do cotidiano do regime soviético, contidas na obra *Viagem: Tchecoslováquia – URSS* (1954). O objetivo é examinar e interpretar os trechos da narrativa que envolvem este tema, ligando-os principalmente ao contexto da Propaganda Ideológica no âmbito da Guerra Fria (1947-1989). Nessa abordagem são utilizados os conceitos de Propaganda Ideológica; Estado Espetáculo e Cultura da Sujeição. A análise efetuada mostra que a visão de Graciliano sobre a URSS e o seu regime parecem, em parte, estar pautadas pelos ditames da propaganda oficial soviética. Por outro lado, tal visão não deixa de transparecer as dúvidas do escritor sobre a veracidade daquilo que lhe foi mostrado durante sua visita. Também acentuarei a importância da literatura na Guerra-Fria como um veículo de construção de uma imagem positiva das nações comunistas.

PALAVRAS-CHAVE: COMUNISMO; GRACILIANO RAMOS; URSS

ABSTRACT

This paper focuses on the observations made by Graciliano Ramos about the daily life of the Soviet regime, contained in the work *Viagem: Tchecoslováquia - URSS* (1954). The objective is to examine and interpret the narrative passages involving this theme, linking them mainly to the context of Ideological Propaganda in the context of the Cold War (1947-1989). In this approach are used the concepts of Ideological Propaganda; State Spectacle and Culture of Submission. The performed analysis shows that Graciliano's view of the Soviet Union and its regime seem to correspond, partly, to dictates of official Soviet propaganda. On the other hand, such a view shows doubts of the writer on the veracity of what was showed to him during his visit. I will also emphasize the importance of the literature in Cold War as a vehicle of construction of a positive image of the communist nations.

Keywords: Communism; Graciliano Ramos; USSR

¹ Este artigo foi gerado a partir do meu Trabalho de Conclusão de Curso denominado “**Uma arma brasileira na Guerra Fria? : O relato de Graciliano Ramos sobre a URSS**”, orientado pelo prof. Dr. Francisco José Alves (DHI/UFS)

INTRODUÇÃO

Em maio de 1952, milhares de estrangeiros desembarcam na União Soviética, com o objetivo de assistir ao tradicional desfile do Dia do trabalhador. Muitas comitivas, organizadas pelo Partido Comunista, terão neste período não só a oportunidade de presenciar estes festejos, como realizarão excursões de “um extremo a outro do Mundo Vermelho”, comandado por Joseph Stalin. O intuito é conhecer as “maravilhas” daquelas terras tão detratadas pelo ocidente capitalistas.

Entre os milhares de visitantes, encontramos um alagoano de olhos atentos. Graciliano Ramos, popular escritor brasileiro, conhecido pela literatura regionalista, é um dos beneficiados nesta excursão, totalmente financiada pelo Estado Soviético. Como resultado desta aventura pelos “lugares medonhos situados além da cortina de ferro”², o autor de *Vidas Secas* tece o livro **Viagem: Tcheco-Eslováquia – URSS**.

Segunda publicação póstuma do autor, que veio a falecer em 1953, o livro é formulado como uma espécie de diário de viagem. Dividido em 34 capítulos, trata das suas experiências na URSS junto a outros 30 brasileiros. O alagoano observa e descreve com minúcia diversos aspectos do regime comunista, da cultura e educação à índole do povo soviético.

Este trabalho focaliza as observações realizadas por Graciliano Ramos acerca do cotidiano do regime soviético. Vejamos como o escritor aborda este tema.

O PACIFISMO SOVIÉTICO

Primeiramente vejamos como em **Viagem** Graciliano Ramos destaca o pacifismo típico deste regime. Este aspecto é observável em vários momentos da obra. Podemos nota-la, por exemplo, quando o escritor passeia pelas ruas de Praga Velha, Tchecoslováquia, e depara-se com pelotões de jovens militares. Ao examiná-los, nota uma característica que observará no decorrer de toda a viagem: o profundo trauma de toda a população soviética quando se trata de guerra. “O ódio visível em toda a parte”.³

²É desta forma que Graciliano Ramos refere-se a URSS logo no início de seu relato (RAMOS, 1980.p.13).

³“São rapazes de vinte anos, menos de vinte anos, chamados a meses ao serviço militar; (...). Essa geração tem ódio à guerra, ódio visível em toda a parte, e resigna-se a preparar-se para ela, se a desgraçada for inevitável.” (RAMOS. pag. 32)

A União Soviética sofreu perdas devastadoras em toda a primeira metade do século XX, enfrentando duas guerras de alcance mundial, além dos vários conflitos civis. O alagoano acredita que acima de qualquer outra nação, o que aquele povo menos deseja é um novo conflito. A repulsa a guerra seria uma característica marcante desta sociedade.

Não é possível afirmar se este pacifismo inerente a população soviética era real, ou se seria apenas mais uma estratégia de promoção das qualidades daquele regime. O que podemos constatar é a forte propagação de um discurso relacionando a União Soviética como “templo da Paz Mundial” após a Segunda Grande Guerra. Para tanto, nos termos de John C. Clews (1966, pgs. 89-100), uma rede de organizações comunistas “disfarçadas”, a exemplo dos Partidários da Paz (posteriormente Conselho Mundial da Paz⁴), foram fundadas. Nestas conferências, é atribuído ao bloco comunista o papel de nação que repudia a guerra, opondo-se aos “ianques”, “senhores do imperialismo”, que anseiam por um novo conflito⁵.

A narrativa de Graciliano em momento algum aplica ao Estado soviético o status de “encarnação da paz”. Entretanto, podemos perceber que este pacifismo da sociedade é fruto não apenas dos sucessivos traumas proporcionados pelos conflitos ocorridos no século XX. O pacifismo estaria relacionado à própria aplicação da ideologia socialista, que “mudou a natureza humana”. Também não encontraremos em **Viagem** críticas diretas a nação norte-americana. Ao máximo, ocasiões onde serão realizadas contraposições das mazelas do sistema capitalista perante a nação onde as “classes não mais existiam”.

CIVISMO POPULAR

Um momento significativo no qual se manifesta a grandiosidade do regime, segundo G.R., é na parada de 1º de maio. O alagoano se admira com toda a presença popular nos desfiles. Sob suas lentes, esta celebração simboliza uma “clara advertência ao capitalismo”, onde o povo marcha na construção de uma sociedade, manifestando uma contagiante alegria, e uma confiança ilimitada no regime⁶.

⁴Jorge Amado esteve presente em uma das conferências do Conselho, ocorrida em Wroclaw, Polônia. Na obra *O Mundo da Paz* (1951), ele tecerá detalhes acerca desta experiência.

⁶“ O que nos enchia de pasmo era a alma de todo um povo, manifesta nas organizações de operários, de estudantes, de sociedades incontáveis.” (RAMOS, 1980., pg. 56)

A festividade desta data é um dos motivos que levaram os visitantes (brasileiros ou não) a desembarcarem no “mundo vermelho”. Chineses, indianos, brasileiros, misturavam-se a multidão soviética que, aparentemente incansável, acompanhava os festejos que tiveram início pela manhã, e só terminariam a noite, sob uma temperatura abaixo de zero.

O escritor não perde a oportunidade para contrastar a situação que presencia na URSS com o Brasil e sua “gente fusca, triste.”. Ele acredita que não há nenhuma semelhança do seu país com aquele “mundo novo”, vibrante, e em pleno crescimento. Recordando com tristeza os temas e os personagens de suas obras, conclui que a realidade brasileira lhe impõe temas melancólicos: “vivendo em sepulturas, ocupara-me em relatar cadáveres.”(RAMOS, 1980, pg. 57).

O desfile descrito nas linhas de **Viagem** parece enquadrar-se numa interessante estratégia de propaganda, inicialmente utilizada pelos estados totalitários e que persiste, na atualidade, como uma importante ferramenta para a persuasão das massas: A “Lei do Contágio”⁷(SANT’ANNA, 2010, pgs. 333- 356). Este artifício do meio propagandista consiste na uniformização da multidão por meio dos impulsos emocionais, da passividade, e do conformismo do indivíduo, que facilmente pode ser “contagiado” pela ideia comum de que “a maioria tem razão”. Os meios para esta persuasão são bastante conhecidos: desfiles; comícios; carreatas; abundante utilização de símbolos e bandeiras; além dos costumeiros discursos eloquentes.

Podemos notar que a grandiosa parada, repleta de “alegria”, impressionou o autor de Vidas Secas. Na multidão ele enxergou o caráter unificador presente na URSS, um aparente reflexo do “apoio incondicional” e da eficácia deste regime, que pelo o que era apresentado, só havia proporcionado benesses. Desta maneira, podemos concluir que as ferramentas propagandistas presentes naquele 1º de maio conseguiram contagiar e convencer o nosso observador da solidez do governo soviético.

Ao recordar este acontecimento, o nosso narrador não poderia perder a oportunidade de criticar as mazelas de seu país. Não devemos esquecer que, nos termos do historiador Francisco José Alves, o “Velho Graça”, ao tratar do Brasil, era um “médico a fazer diagnósticos realistas”(ALVES, 2000, pg. 54). O seu realismo ácido, presente em vários de seus textos, do romance a crônica, beirava o pessimismo.

O contraste entre a satisfação do povo soviético e a amarga vida do brasileiro, que ainda “perecia” sob o jugo do capitalismo, é encontrada no passo de toda a obra.

ORGANIZAÇÃO SOCIAL

A superioridade do regime se manifesta em outros aspectos. A organização da sociedade, por exemplo, é ressaltada com admiração. É o caso da limpeza e da organização urbana, observada por G.R ao percorrer Moscou. Se deslocando sobre as linhas subterrâneas do metrô moscovita, o alagoano admira-se com a organização do local. Na sua passagem pelas estações, Graça nota o intenso movimento de passageiros, contrastando com a limpeza do ambiente. Mais tarde, ao jogar um resto de cigarro no chão, o escritor “descobre” que o ato de jogar lixo em vias públicas é punido com multa.

O louvor ao regime, e a sua organização, comparecem em outros momentos da narrativa. Ao fim de mais um longo passeio, desta vez a uma indústria de chá, G.R comenta as contradições entre o discurso ocidental sobre a União Soviética, e a “realidade” que ele observa. Para uma terra em que se comentava não existirem direitos, mas apenas ordens e submissão, o alagoano registra que a única ação “forçada” no mundo vermelho é o repouso. O incentivo a educação e a cultura eram salientes, e pelo o que lhe foi exibido, era de livre acesso ao grande público, do teatro Bolshoi aos mais suntuosos acervos nas bibliotecas⁸. O escritor acredita ser um grande equívoco ocidental afirmar que naquele ambiente existia trabalho forçado.

O discurso de Ramos pode ser visto como uma contrapropaganda a respeito do que era disseminado na imprensa brasileira acerca da União Soviética. Não podemos esquecer que a presença anticomunista na terra natal do escritor de São Bernardo era forte no início dos anos de 1950. O historiador Rodrigo Motta afirma que não foi necessário o anúncio da Guerra Fria para que diversos setores do Brasil se posicionassem contra a ideologia comunista (MOTTA, Pgs. 236-237). Tanto a bancada conservadora, como a Igreja possuíam poderes suficientes para privar o PCB de qualquer direito político, além de investir numa propaganda totalmente

⁸“Os teatros regurgitam, multiplicam-se as escolas, o número de bibliotecas é enorme, em qualquer museu surgem grupos de estudantes. E há clubes, os palácios de cultura, exibidos com orgulho, é claro, pois lá fora não existe coisa semelhante.” (RAMOS, 1980. pg. 136)

contrária a URSS. A nação soviética era taxada como o “habitat” da degeneração humana, onde valores básicos como a liberdade, a família e a religião haviam sido extinguidos.

A superioridade do regime comunista é evidenciada continuamente no relato de Ramos. Outro exemplo disto ocorre quando o escritor visita os kolkhozes (espécie de cooperativa agrícola camponesa). O ilustre quebrangulense deparou-se com uma comunidade bem organizada, com extensas famílias. Uma delas, em particular, lhe causou espanto: uma camponesa possuía doze filhos⁹. Provavelmente o que lhe deixou mais impactado não foi o número, mas a boa qualidade de vida que aquela extenso grupo levava, com “todos os rebentos vermelhos e fortes”. Inevitavelmente, Graciliano confronta aquela realidade com a sua pátria. Uma família camponesa brasileira com aquele número de filhos estaria fatalmente na miséria.

A visita a cooperativa agrícola pode ser interpretada como mais uma clara estratégia de propaganda que contradiz, de certa forma, com os estudos que na atualidade temos acesso. Daniel Aarão Reis Filho, por exemplo, afirma que a implantação dos kolkhozes, aliada ao rígido controle estatal da produção agrícola, que não permitia nenhuma espécie de comércio individual, tornavam a vida camponesa árdua (REIS FILHO, 2003, 114-115). A implantação das cooperativas foi recepcionada com intensa resistência camponesa, além de não gerar o retorno esperado, não alcançando as metas impostas pelo governo.

Realizando uma retrospectiva da viagem, nos últimos momentos de sua obra, G.R realiza uma reflexão acerca do novo homem “construído” na União Soviética. Relembrando todos os ambientes que visitou, e as pessoas que conseqüentemente conheceu, o alagoano conclui que aquele novo sistema transformou a alma de todo o povo, elevando qualidades e eliminando os hábitos considerados “nocivos”¹⁰. Para Graciliano Ramos, a Revolução Russa havia realizado um feito memorável: “(...) modificara a natureza humana.”(RAMOS, 1980. Pg 173). Fica claro que nosso viajante, apesar de manifestar, alguns momentos, desconfiança, realmente acreditava no modelo socialista. Enxergava veracidade naquilo que lhe fora mostrado.

⁹“Entramos na residência de uma cidadã que teve doze filhos (...) Na minha terra isso é considerado absurdo. (...) Pois neste país o enorme contra-senso é julgado heroísmo.” (Ibid, 1980. Pg.147)

¹⁰“No rolar do tempo, fugir-me-iam talvez da lembrança a fábrica de meias, as salas de estudos(...); certos indivíduos não desapareceriam nunca(...). Uma ideia furava-me a cabeça como pua: aquilo não era fábrica de meias, era fábrica de almas.” (RAMOS, 1980. Pg 173)

Nas últimas páginas de sua obra, ele manifesta sua irritação com aqueles amigos que lhe relataram os horrores existentes na URSS sem, no entanto, terem pisado em solo vermelho¹¹. Não podia conceber que, em uma terra cheia de benesses, existissem campos de trabalho forçado, milhares de prisioneiros políticos, e execuções maciças.

A noção de transformação da natureza humana com a implantação do Regime socialista não é um simples exagero do nosso narrador. Karl Marx dissecou este tema, e seus estudos servirão de justificativa para as futuras abordagens da doutrinação comunista. Mas, diferente do que comenta Graciliano, Marx não acreditava numa “transformação” da natureza humana com a implantação do comunismo. Esse sistema teria como consequência o retorno do homem a sua verdadeira essência, ligada ao um ser “plenamente produtivo” (FROMM, 1975, pgs. 34-51). De qualquer forma, este comentário reforça a crença do autor de **Angústia** na excelência do regime comunista.

Esta confiança perante o sistema idealizado por Marx também pode ser encontrada em algumas das crônicas de Ramos. Em um dos seus textos, datado de 1946, o alagoano afirma ter se entregado de “corpo e alma” ao Partido Comunista (RAMOS, 2012), no qual havia se filiado no ano anterior. Nos seus dizeres, a organização seria a única que possibilitaria a oportunidade de livrar seu país do estado miserável que se encontrava.

Homem conhecido pelo rigor ético, Graça provavelmente visualizava na URSS o alvorecer de um mundo ao inverso de tudo aquilo que sempre detestou. Como afirma Francisco José Alves, o autor de *Angústia* critica, em sua trajetória, diversos fatos e vícios brasileiros, seja a contínua miséria nordestina, o nosso laxismo, ou a perpetuação dos coronéis. Talvez, na ideologia socialista ele tenha encontrado a esperança de cura destes “males”. E, ao visitar a União Soviética, pode “admirar” a teoria posta em prática.

A superioridade do regime comunista é reiterada por nosso viajante alagoano num episódio pitoresco. Num dos seus últimos momentos em Moscou, a caminho do aeroporto, G.R. nota um quadro dissonante: um conjunto de velhas casas ao decorrer da estrada. Eram pobres habitações de madeira que lhe fazem recordar as favelas brasileiras. Ao questionar o porquê daquele vestígio de “pobreza” em uma sociedade que diz estar livre da barreira das

¹¹ “Meses depois, no meu país, homens sagazes e verbosos censurar-me-iam a ignorância a respeito da União Soviética. Tinham-me os guias exibido coisas necessárias à propaganda(...). E, sem nunca ter ido à URSS, explicar-me-iam, generosos, horrores medonhos (...)” (Ibid, Pgs 173-174)

classes, uma representante da VOKS (Sociedade para as Relações Culturais da URSS com os Países Estrangeiros) responde: “Ali estão às belezas do individualismo” (RAMOS, 1980, pg. 183). Ramos não informa quem são os habitantes daquela favela.

Podemos indagar quem seriam os residentes destas precárias instalações. Da mesma maneira que poderiam ser realmente pessoas que posicionavam-se contra o sistema vigente, ali também poderiam se encontrar indivíduos que não conseguiram ser absorvidos pelos programas trabalhistas da URSS. Desempregados na terra dos trabalhadores. Para Ramos, aqueles “vestígios do capitalismo” iriam ruir sem que fosse necessário o Estado realizar qualquer esforço. O socialismo prevaleceria perante os decadentes vestígios capitalistas.

CONCLUSÃO

Este Graciliano Ramos crédulo contrasta enormemente com aquele outro que dissecou o brasileiro em cáusticas crônicas. O espírito crítico de Mestre Graça parece se desmancha diante das gentilezas e da organização de seus anfitriões soviéticos. Francisco José Alves aponta em seu trabalho que uma das características do escritor quebrangulense era justamente a negação de uma “literatura de elogio”, conservando uma visão que tinha por objetivo “desmistificar o mundo”. Entretanto, nas linhas de **Viagem** observamos uma ruptura. O ávido crítico das mazelas brasileiras não se contém diante das excelências que lhe são apresentadas na União Soviética. O seu desejo por um sistema que prometia por abaixo toda desigualdade parece ter amaciado o seu senso crítico.

Mestre Graça não se diferencia, em parte, de uma leva de vários outros intelectuais, espalhados nos mais diversos países do ocidente, após a Segunda Grande Guerra. O regime comunista, coroado como grande vencedor do conflito encerrado em 1945, apresentou-se como uma saída ao convencional modelo de sociedade assombrado pela desigualdade. Um sistema que entregava aos “filhos da guerra” a oportunidade de viver num mundo livre e próspero, sem a barreira das classes¹².

Não duvidamos que a comitiva em que G.R estava incluído encontrava-se imersa em uma grande excursão propagandista. Só as maravilhas da URSS foram expostas, enquanto os seus problemas e falhas foram devidamente escondidos.

¹² JUDT, Tony. Pós Guerra: Uma história da Europa desde 1945. Rio de Janeiro: Objetiva, 2008..Pg. 213

Mas, apesar de toda a admiração perante a grandiosidade do regime exibido, podemos notar em nosso viajante alagoano o demônio da dúvida. Para tanto, graças as suas perguntas um tanto tortuosas, e a sua sinceridade desconcertante, um dos seus anfitriões o descreveu como “espinhoso”.

Seja como for, **Viagem** é uma importante janela para visualizarmos a União Soviética stalinista sob a ótica de um dos maiores escritores brasileiros do século XX. Esta narrativa é mais uma chave para entendermos os embates ideológicos existentes no período conhecido como Guerra Fria.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS:

ALVES, Francisco José. **A pátria é um orangotango: O Brasil nas crônicas de Graciliano Ramos**. Síntese, Brasília, n.5, p.46-55, 2000.

AMADO, Jorge. **O Mundo da Paz**. Rio de Janeiro: Editora Vitória. 1951.

CLEWS, John C. **As técnicas da Propaganda Comunista**. Rio de Janeiro: Cruzeiro. 1966.

FROMM, Erich. **Conceito marxista do homem**. 6. ed. Rio de Janeiro: Zahar, 1975.

HOLLANDER, Gayle Durham. **Doutrinação política soviética: Os progressos nos meios de comunicação em massa e de propaganda desde Stalin**. Rio de Janeiro: Agir. 1974.

JUDT, Tony. **Pós Guerra: Uma história da Europa desde 1945**. Rio de Janeiro: Objetiva, 2008.

LEVI, Lúcio. Regime Político. IN.: BOBBIO, Noberto (org.). **Dicionário de política**. Brasília – Editora UnB, 1998, pgs. 1081 – 1084.

MOTTA, Rodrigo Patto Sá. **O Perigo é Vermelho e vem de Fora: O Brasil e a URSS**. IN: Locus: Revista de História, Juiz de Fora, v. 13, n. 2, p. 227-246, 2007. Disponível em: <http://www.ufjf.br/locus/files/2010/02/131.pdf>

PAULO NETTO, José. **O que é stalinismo**. São Paulo: Brasiliense. 1981

RAMOS, Graciliano. **Viagem: Tchecoslováquia - URSS**. 10ª Ed. Rio de Janeiro: Editora Record, 1980.

RAMOS, Graciliano. **Garranchos**. [Org.: Thiago Mio Salla] – Rio de Janeiro: Record, 2012.

REIS FILHO, Daniel Aarão. **As Revoluções Russas e o Socialismo Soviético**. São Paulo: Editora Unesp, 2003.

SANI, Giacomo. Propaganda. IN.: BOBBIO, Norberto (org.). **Dicionário de política**. Brasília – Editora UnB, 1998, pgs. 1018- 1021.)

SANT'ANNA, Armando. **Propaganda: Teoria, Técnica e Prática**. Armando Sant'Anna, Ismael Rocha, Luiz Fernando Dabul. 8ª ed. rev. – São Paulo: Cengage Learning, 2010.

SOTANA, Edvaldo Correa. **Relatos de viagem a URSS em tempos de Guerra Fria: Uma prática de militantes comunistas brasileiros**. Curitiba: Aos Quatro Ventos, 2006.

SCHWARTZENBERG, Roger-Gérard. **O estado espetáculo**. Rio de Janeiro/São Paulo: Difel, 1978.

VOLKOGONOV, Dmitri A.. **Os sete chefes do império soviético: Lênin, Stalin, Khruchev, Brejnev, Andropov, Chernenko, Gosbachev**. – Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2008.